

A IMPORTÂNCIA DOS ARQUIVOS PARA A CRÍTICA GENÉTICA: UM POUCO DE HISTÓRIA E DE MANUSCRITOS

Moema Rodrigues Brandão Mendes*

Resumo

Este trabalho propõe uma reflexão sobre o fato de a *Memória* ser um ato vital, possuir voz própria e discursar sobre aquilo que foi e já não é mais. *Memória* é recuperação, é reencontro, à medida que caminha em direção ao resgate de um passado recuperável, percorrendo uma trajetória a partir das sociedades antigas, onde os homens ainda não conheciam a escrita. A *Memória* se torna história, com o desenvolvimento dos estudos de Crítica Textual e de Crítica Genética. Este pensamento originou a interessante vertente historicista da crítica literária, que se apóia na instância produtora do discurso para configurar a gênese da obra.

Palavras-chave

Memória. Arquivo. Gilberto de Alencar.

Abstract

This work proposes a reflection on the fact that memory is a vital act, have their own voice and speak about what was and is no longer. Memory and recovery, and reunion, as you walk toward the rescue of a recoverable past, traversing a path from the ancient societies, where men still did not know the writing. Memory becomes history, with the development of studies of Textual Criticism and Critical Genetics. This thinking led to the interesting part of historicist literary criticism, which relies on the instance of discourse production to set the genesis of the work.

Key words

Memory. File. Gilberto de Alencar.

A memória se torna história quando constatamos que a riqueza das fontes primárias ainda é pouco explorada.

* Moema Rodrigues Brandão Mendes. moemarodrigues@yahoo.com.br .Graduada em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF-MG. Especialista em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF-MG. Mestra em Letras pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, CESJF-MG. Doutora em Letras, subárea Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense, UFF-RJ. Ocupa a cadeira 36, na Academia Granberyense de Letras, Artes e Ciências do Instituto Metodista Granbery, Juiz de Fora, MG.Publicou as obras "*Colar de contos premiados*", adotada no vestibular do CTU-UFJF (Colégio Técnico Universitário da Universidade Federal de Juiz de Fora, em 2007 e 2008). É membro da Associação de Pesquisadores em Crítica Genética, SP. Membro do Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos, RJ. É membro da Sociedade de Estudos Psicanalíticos, JF. No Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, CESJF MG, ministra a disciplina *Pesquisa em Literatura*, no Programa de Pós-Graduação no Curso de Mestrado em Letras.

Nas sociedades antigas, em que os homens ainda não conheciam a escrita, havia pessoas que guardavam, com particular interesse, a memória: eram os guardiões dos códices reais, os historiadores da corte.

A preservação se sucedia por meio de mitos e ritos, em templos, cemitérios e praças. Mais tarde, com o advento da escrita, os reis, para preservarem a memória oral, criaram instituições-memória: os arquivos, bibliotecas e museus que guardavam informações, permitindo a comunicação através do tempo e do espaço.

A história literária fundamenta-se em um passado que permanece vivo, representado pela obra literária, e em documentos que permitem o caminhar para uma melhor compreensão dos textos artísticos.

É importante o conhecimento das escritas literárias, suas relações com a tradição, seu agrupamento em gêneros, sua filiação com estilos ou escolas e a relação destes fenômenos com a história da cultura e da civilização.

A memória se torna história na preservação, cuja origem nos remete ao período alexandrino, nos anos de 322 a 146 a.C., quando a famosa Biblioteca de Alexandria se tornou o maior centro cultural da Antigüidade.

No século XIII, na França e na Itália, principalmente, foram desenvolvidos os arquivos notariais e, com o crescimento das cidades, gerados os arquivos urbanos, cuidadosamente guardados pelos corpos municipais.

Na Idade Moderna (séculos XV a XVIII), os arquivos públicos foram organizados sob forma de bibliotecas e museus, manifestações significativas de construção de uma memória coletiva.

Na Renascença, século XVI, a propagação da memória era feita de forma oral e escrita, mas poucos tinham acesso ao manuscrito. Entretanto, com o advento da imprensa, os arquivos passaram a ser os responsáveis pela guarda dessa memória.

No século XIX, surge um novo método de estudo introduzido por Karl Lachmann (1739-1851), no qual são sintetizados os processos utilizados por editores helenistas, iniciando assim, a edição científica de textos antigos.

Os arquivos privados pessoais, como o de Gilberto de Alencar¹, por exemplo, encerravam uma significativa importância de textos que poderiam ser mais bem aproveitados por novos pesquisadores.

¹ Gilberto de Alencar nasceu em João Gomes, atual Santos Dumont, Minas Gerais, a 1º de dezembro de 1886, filho do médico e escritor cearense, Dr. Fernando de Alencar, primo e afilhado de José de Alencar, e de D. Emília de Alencar, esta de tradicional família do interior mineiro.

A diversidade de idéias, de vontades, de vocações que um escritor tem durante sua trajetória de vida pode ser reconstruída com a ajuda dos próprios documentos. O olhar de cada pesquisador descobrirá nova vertente num mesmo arquivo. Discussões acerca do complexo *eu* humano, da sociedade, do mundo, são plausíveis dentro de um arquivo privado.

Assuntos sobre os quais pensamos a vida inteira acabam nos forçando a produzir documentos, que muitas vezes guardamos “por instinto”. Da mesma maneira que somos plurais nos gostos e nos gestos, nossa produção também encontrará vários caminhos.

O motivo – ou ausência deste – que, no caso, levou Gilberto de Alencar a guardar determinado documento, reconstitui as inquietações pelas quais passou.

O eixo desta hipótese se fundamenta na idéia de que os arquivos são, sempre, espelho da realidade, seja ela institucional ou particular.

Assim, através dos acervos privados, acumulados pelo titular do arquivo, podemos descobrir a realidade de uma determinada célula da sociedade.

Segundo os preceitos arquivísticos, os arquivos pessoais já nascem como permanentes; e arquivos permanentes são os que detêm documentos de valor cultural, pessoal, jurídico ou histórico.

A Lei 8.159 determina que a instituição que se responsabilizar pela guarda destes arquivos deve reparar a documentação que estiver danificada e ainda, obrigatoriamente, fornecer acesso ao público pesquisador, de modo que a integridade documental seja preservada, por meio de microfilmagem e-ou digitalização.

Uma das obras mais aceitas pelos profissionais de arquivos, o *Manual de arranjo e descrição de arquivos*, publicado pela Associação dos Arquivistas Holandeses, assim define arquivos privados:

Constituem estes, por via de regra, um aglomerado de papéis e escritos, que os vários membros de determinada família, ou os habitantes de uma casa ou castelo, na qualidade de pessoas privadas ou títulos diversos, algumas vezes mesmo como colecionadores de curiosidades, reuniram e conservaram. Os documentos de um arquivo de família não formam “um todo”, foram, não raro, agrupados segundo os mais estranhos critérios e falta-lhes a conexão orgânica de um arquivo no sentido que define o presente Manual. As regras para o arquivo em sua

acepção própria, não se aplicam, pois, aos arquivos da família.
(ARQUIVO NACIONAL, 1960).

Trabalhar a produção literária a partir da perspectiva dos arquivos constitui percorrer o caminho inverso àquele que orienta a produção literária, os *documentos de processo*² preservados pelos acervos e bibliotecas particulares e públicos, possibilitam fazer renascer o início e acompanhar o desenvolvimento da obra.

Ontem um acervo privado, hoje um acervo público

Em setembro de 2006, iniciamos um contato com a família de Gilberto de Alencar³ que, com incondicional apoio, nos permitiu começar, efetivamente, a pesquisa.

A documentação do escritor encontrava-se em poder da família do romancista, na cidade de Juiz de Fora, MG; sob a responsabilidade direta de sua neta, Marta de Alencar e Sousa, que informou não terem os herdeiros nenhum conhecimento sobre a vontade do escritor, no que se referia ao destino de seu acervo. Após a morte de Gilberto de Alencar, em 1961, Cosette de Alencar, sua filha, assumiu toda a responsabilidade pela biblioteca, constituída por cerca de 3.000 volumes, além dos manuscritos das⁴ obras publicadas e, de duas inéditas. Com a morte da filha, em 1973, o acervo foi recolhido pelo filho do escritor, Fernando de Alencar, que o transferiu para sua residência, também, em Juiz de Fora e organizou-o, juntamente com sua esposa, Dóris Marlene Rocha de Alencar, durante os anos de 1974 e 1975, reunindo todos os manuscritos e acondicionando-os em pacotes distintos de papel pardo, amarrados com barbantes, devidamente etiquetados na parte externa.

Os arquivos foram organizados sem nenhuma técnica especial de preservação e, segundo Marta de Alencar e Sousa, a única regra que gerenciou este trabalho foram o coração e o carinho.

Em 11 de abril de 2007, todo o acervo do escritor foi doado ao Museu de

² SALES, Cecília Almeida. *Crítica Genética: uma (nova) introdução*. São Paulo, EDUC, 2000, p. 35. Segundo a autora, “Fica claro que os manuscritos dos escritores são documentos (ou registros) dos processos de criação literária”.

³ Autodidata, foi tipógrafo, revisor e redator, cronista e articulista de jornais do interior. Ingressou, depois, no jornalismo, profissão que não abandonaria jamais e a exerceu até a morte. Gilberto de Alencar escreveu sob os pseudônimos: Zangão, G., G. de A., Germano D’Aguilar, João do Carmo e Napoleão.

⁴ Não localizados os manuscritos do romance histórico *Tal dia é o batizado*, cuja 1ª ed. foi publicada em 1959, pela Editora Itatiaia.

Arte Moderna Murilo Mendes, da Universidade Federal de Juiz de Fora, MAM Murilo Mendes.

Atualmente, o acervo encontra-se aguardando a fase de higienização completa e catalogação das peças para, futuramente, serem disponibilizadas ao público, apesar de algumas peças já se encontrarem à disposição para consulta pública no MAM Murilo Mendes, local em que realizamos uma pequena parte desta pesquisa.

Este histórico arquivísticos faz-se importante ao se relacionar com o fato de, o acervo de Gilberto de Alencar, ao iniciarmos esta pesquisa, ser privado e estar sob a responsabilidade da família Alencar e, no final, encontrar-se sob a responsabilidade do Museu de Arte Moderna Murilo Mendes – MAM-Murilo Mendes em Juiz de Fora.⁵

No MAM Murilo Mendes, os documentos ainda estão à espera de catalogação e posterior inserção das informações no banco de dados, concretizando-se assim a elaboração de um inventário. Os documentos não foram ainda trabalhados em suas unidades significativas e sofreram apenas uma pré-organização.

Ontem um acervo privado, hoje um acervo público: trabalhar a documentação do titular e possibilitar o acesso desta ao público muito contribuirá para a credibilidade das pesquisas neste setor.

Esta realidade não poderia deixar de repercutir favoravelmente na família que doou os documentos do referido escritor, lembrando que a confiança na instituição pública foi a grande motivadora do ato.

O que a História vem descobrindo com o estudo da oralidade dos acontecimentos muitas vezes pode ser revelado nos documentos de arquivos: eis aí a valorização deste detalhe.

A arte nos manuscritos

A Crítica Genética evidencia um progressivo interesse pelos processos de criação. O manuscrito literário é o detentor de parte das manifestações de insatisfação e angústias do escritor e ainda garante o não “apagamento dos rastros” da criação.

⁵ Projeto Científico – MAM – Murilo Mendes – UFJF. MEMÓRIA SE TORNA HISTÓRIA NA PRESERVAÇÃO da Correspondência e dos manuscritos de Gilberto de Alencar. Coordenadora: Prof^a. Dr^a. Eliane Vasconcellos. Pesquisadoras: Doutoranda Leila Rose Marie Batista da Silveira Maciel e Doutoranda Moema Rodrigues Brandão Mendes. Projeto apresentado em julho 2008.

Presentemente, os manuscritos, com suas rasuras, e marginália e toda a forma de comprovação dos papéis de trabalho do autor, despertam o interesse do pesquisador.

As fendas do texto são exploradas, de modo a permitir, ao estudioso, um maior entendimento da obra.

Os manuscritos tratam das memórias do escritor e, de acordo com a crítica genética, a obra está em contínua transformação e necessita de todo material tal como é encontrado nos manuscritos para, depois de estudados, se aproximar da construção intelectual do autor, a qual levará a parte da compreensão de sua obra literária.

No tecer da (re) construção, o historiador literário deve ocupar-se de todos os aspectos que condicionam a criação da obra literária.

Este pensamento originou a vertente historicista da crítica literária, que se apóia na instância produtora do discurso para configurar a gênese da obra.

A essência deste trabalho não reside na apreciação da obra pronta, mas reside em um estudo do seu processo de “fabricação”. Começamos, então, pela descrição dos manuscritos.

A Crítica Genética surge em 1968, na França, a partir do trabalho pioneiro de Louis Hay⁶, que, através do Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS), criou uma pequena equipe de pesquisadores encarregados de organizar os manuscritos do poeta alemão Heinrich Heine, doados à Biblioteca Nacional da França.

No Brasil, os estudos de Crítica Genética tiveram início em 1985, em São Paulo, no I Colóquio de Crítica Textual, organizado pela Universidade de São Paulo (USP).

Coube ao professor Philippe Willemart, a introdução dos estudos genéticos em nosso país como ele nos relata em seu Prefácio à edição brasileira, de *Elementos de Crítica Genética: ler os manuscritos modernos*, de Almuth Grésillon (2007, p. 7):

[...] Desde 1985, data do primeiro congresso da Associação dos Pesquisadores do Manuscrito Literário (APML), o Brasil através da Área de Literatura Francesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, iniciou o intercâmbio com o ITEM e desde 1987, com a

⁶ Louis Hay, fundador do Instituto de Textos e Manuscritos Modernos (ITEM), na França.

criação do convênio ITEM-USP por meio do CNRS e do CNPq, fortaleceu os laços entre as duas instituições com a vinda e a ida constante de pesquisadores franceses e brasileiros. O movimento não se limitou entretanto à USP; logo, se alastrou a outras universidades: [...] (GRÈSILLON, 2007, p. 7)

A história literária busca, então, conhecer e interpretar o passado por meio de estudos representativos, analisando suas relações e buscando compreender sua evolução. É um resgate da memória que reabilita o tempo passado por meio de indícios ainda subsistentes, como documentos e testemunhos. A memória é um ato vital, possui voz própria e discursa sobre aquilo que foi e já não é mais. Preservar a memória presume um fato que possa ser conhecido e (re) contado.

A descrição de manuscritos

Tomar conhecimento de fontes documentais, como manuscritos, revistas, jornais, fotografias e livros antigos, um material diversificado, desencadeia um processo de grande interesse pela pesquisa em crítica genética e estudo do assunto, deixando fluir a voz de pretensões, até então, silenciosas: conhecer o aquém da obra publicada (grifo nosso). Como confirma Cecília Almeida Salles, “Ao mergulhar no universo do processo criador, as camadas superpostas de uma mente em criação vão sendo lentamente reveladas e surpreendentemente compreendidas” (2000, p. 23).

Para o estudo dos manuscritos de um autor em geral, é de fundamental importância a datação da obra, apoiado pelo tipo de letra, tipo de papel, e, que, em muitos casos, pode servir como modelo comparativo com outros escritos do mesmo autor como cartas, diários e notas objetivando a identificação da autoria do texto. Como afirma Antonio Candido,

O estudioso de literatura visa essencialmente ao conhecimento e análise do texto literário. Este apresenta dois aspectos básicos:

- a) acessório
- b) essencial

O primeiro é a sua realidade material (aspecto, papel, caligrafia, tipo, estado do texto etc), mais a sua história (por quem, como,

onde, quando, em que condições foi escrito). É, por assim dizer, o corpo da obra literária e a história deste corpo.

O segundo é a sua realidade íntima e finalidade verdadeira: natureza, significado, alcance artístico e humano. É de certo modo, a sua alma. (CANDIDO, 2005, p.13).

Estes dados são importantes na medida em que a obra deve ser situada no tempo, conhecida e interpretada a partir do contexto histórico em que foi gerada.

O conhecimento destas informações beneficia uma posterior análise das influências recebidas pelo autor, de como pode ter ocorrido a evolução do seu estilo e a homogeneidade ou a heterogeneidade de sua obra.

O processo de criação do escritor Gilberto de Alencar, foi estudado mediante um acompanhamento das rasuras nos manuscritos e nas variantes das duas primeiras edições da obra *Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho*, escritas nos anos de 1945 e 1946 e publicadas, respectivamente, em 1946 e 1957.

Outros fatores preponderantes para a escolha do romance foram a importância do romancista e sua contribuição para que a literatura mineira ocupasse seu lugar no cenário nacional além, é claro, da possibilidade de acesso aos manuscritos.

Objetivando tirar o ato de criação do inexplicável, , trabalhamos os manuscritos que foram denominados de MsA , o autógrafo, e MsB, o datiloscrito e uma folha de um hipotético MsC, também datiloscrito, localizado pela pesquisadora.

Os principais suportes teóricos utilizados para o desenvolvimento das atividades de pesquisa, são os pressupostos teóricos da Crítica Genética e da Crítica Textual, baseados em estudos de Almut Grésillon, Philippe Willemart, Cecília Almeida Sales, e César Nardelli Cambraia.

Os fólios do MsA foram acondicionados pela família em um pacote de papel pardo, amarrados com barbantes e devidamente etiquetados na parte externa: manuscrito autógrafo, a lápis, constituído por 453 folhas de papel pardo, sem pauta, medindo 43cm x 22cm, numerados pelo autor no centro da folha, na parte superior com lápis de cor vermelha. Os capítulos foram numerados com algarismos romanos, totalizando 103. Na primeira folha, no centro, ao alto, está grafado Gilberto de Alencar, com uma sublinha, seguido do título, com sublinhas,

separado por um espaço de 7cm no sentido vertical, Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho, e depois de mais um espaço de 7cm, Romance.

Nos fólios, em sua totalidade, o autor usou, com frequência, a borracha, permitindo-nos concluir que o texto foi inúmeras vezes modificado. Diversos fólios foram danificados pelas traças, sem, no entanto, prejudicar o desenvolvimento da pesquisa. As etiquetas continham o nome da obra, referências a manuscritos autógrafos, a que chamaram de cópias originais.

Os manuscritos MsB foram nomeados, pela família, como cópias originais a máquina. Nas etiquetas encontravam-se registradas suas respectivas datas: 1945 \ 1946: datilografado em tinta azul, constituído por 320 folhas que foram brancas, hoje, amareladas pelo tempo, sem pauta, medindo 32cm x 19cm, numeradas no canto superior esquerdo. Observa-se que o MsB apresentava um possível modelo de publicação, talvez refletindo uma vontade do autor, já que na 1ª folha, no centro superior, encontrava-se grafado Gilberto de Alencar, antecedendo o título Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho e a indicação Romance.

O MsC consta de 1 folha sem pauta, medindo 29cm x 18cm, com o número “138” grafado a mão, com caneta preta, no canto superior esquerdo. Texto datilografado com tinta preta. A folha se encontra amarelada pelo tempo. O texto apresenta correções manuscritas, com caneta preta, localizadas à margem direita, permitindo interpretá-lo como uma prova tipográfica.

A pesquisa realizada em *Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho*, de Gilberto de Alencar, sem dúvida nenhuma, foi apenas o início de um processo que possibilitará futuras ampliações. O pesquisador genético cria possibilidades de novos olhares dentro de uma mesma obra, suscitando, assim, outras descobertas que podem ser pesquisadas.

Por mais que se tenha tentado desvendar o aquém da escritura do romance de Gilberto de Alencar, através das pistas deixadas pelo autor, certamente, ainda há muito que se descobrir.

Referências

ARQUIVO NACIONAL. *Manual de arranjo e descrição de arquivos*. Preparado pela Associação de Arquivistas Holandeses. Tradução de Manoel Wanderley. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1960. 145 p.

CANDIDO, Antonio. *Noções de análise histórico-literária*. São Paulo: Associação

Editorial Humanitas, 2005.

GRÉSILLON, Almuth. *Elementos da crítica genética*. Ler os manuscritos modernos. Tradução de Cristina Campos. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

SALLES, Cecília Almeida. *Crítica genética: uma (nova) introdução*. São Paulo: EDUC, 2000.

